

**DIFERENÇA, TRAÇO E INSCRIÇÃO:
DERRIDA E A ESCRITURA COGNITIVA DO MUNDO**

Carlos Alvarez Maia (UERJ)
alvarez@iis.com.br

INTRODUÇÃO

O escopo deste trabalho abarca as áreas de história, epistemologia e linguagem. Exploram-se aqui os conceitos derridaianos de “diferença”, “traço”, “inscrição” e “escritura” para compreender como o processo cognitivo sobre o mundo que nos cerca é constituído por uma linguagem-escritura. Diremos, “o mundo é uma escritura”, uma tradução menos prosaica daquela declaração extraída do *linguistic turn* de que “tudo é texto”.

Entretanto, ainda que se olhe o mundo como escritura, matizamos aqueles exageros relativistas em que a realidade do mundo é dada tão somente por um jogo de palavras descoladas de uma experiência empírica nesse mundo, típica do realismo.

Contra a compreensão de que o conhecimento decorre de um produto mental apreendido de uma realidade objetiva exterior ao sujeito, um sujeito passivo, apresenta-se uma proposta construtivista na qual o sujeito participa ativamente – sem que com isto entremos em um relativismo solipsista. Aqui, o diferencial dá-se por duas considerações:

1 – o sujeito que conhece é histórico, isto é, o sujeito não está isolado, mas encontra-se situado em um universo discursivo através do qual olha, percebe e interage com o mundo; um universo discursivo que o constitui como sujeito em coletivos de pensamento e ação;

2 – os objetos do mundo são igualmente agentes ativos por atuarem sobre os sujeitos através de sensibilizações. A sensibilização de um sujeito é a capacidade desse sujeito de reagir à presença objetal e marca aquilo que Derrida nomeou como *affection*.

No esquema proposto, sujeito e objeto interagem entre si e, assim, desfazem o clássico modelo epistemológico que considera sujeito e objeto independentes. Especialmente para a disciplina Histó-

ANÁLISE DO DISCURSO

ria, tal arranjo responde ao desafio da sua “crise” contemporânea de paradigmas.

A CRÍTICA À COMPREENSÃO REALISTA. DESFAZENDO-SE DE UM PADRÃO PARA O ATO DE CONHECER

O ato de conhecer segue um procedimento padrão segundo a compreensão realista de nosso senso comum e que também abastece as correntes cientificistas usuais. Pensa-se na total separação entre sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. O objeto configura um elemento do Real que será desvendado pelo sujeito. O suposto ato de conhecer aproxima-se de uma **descoberta** realizada por esse sujeito. O sujeito descobre o Real ao detectar a existência de um objeto desse mundo Real e essa descoberta torna-se **instituída** socialmente via a **nomeação** que o sujeito lhe dá. O sujeito lhe fornece uma palavra **significante** e em seguida busca precisar o seu **significado**. Esta vinculação entre o significante e o objeto parece evidente e constitui a **referência** daquele significante. Assim se estabelece o trinômio significante-significado-referente – uma representação do Real descoberto – associado à coisa, ao objeto.

Essa descrição típica e aparentemente simples mascara diversas e complexas questões. Dessas, uma das mais preocupantes em sua perversão ontológica é a idéia simplista de descoberta, descoberta de um objeto novo, um ente. Em Derrida, a alternativa para vencer o embaraço metafísico nessa corrupção realista passa por entender e aplicar o conceito de **traço**; um traço **imotivado**, enfatiza Derrida, isto é, um traço de algo porém sem um *a priori* ontológico. Afinal, o traço não é o ente – “é preciso pensar o traço antes do ente” –, o que se explicita justamente por seu caráter imotivado.³¹

³¹ “É por isso que o movimento de “imotivação” passa de uma estrutura a outra quando o “signo” atravessa a etapa do “símbolo”. (...) Sem remeter a uma “natureza”, a imotivação do traço *veio-a-ser*. Para dizer a verdade, não existe traço imotivado: o traço é indefinidamente seu próprio *vir-a-ser* imotivado. Em linguagem saussuriana, seria necessário dizer, o que Saussure não faz: não há símbolo e signo e sim um *vir-a-ser-signo* do símbolo.

Assim, não seria preciso dizê-lo, o traço de que falamos não é mais *natural* (não é a marca, o signo natural ou o índice no sentido husserliano) que *cultural*, não mais físico que psíquico,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A equação derridaiana é particularmente eficiente para desfazer os equívocos do realismo ingênuo que proliferam em nosso cotidiano e que também grassam nos relatos científicos. Examinemos um “acontecimento”, uma descoberta da paleontologia, noticiada pela agência AFP:

Uma antiga mandíbula de uma espécie de símio descoberta em 2005 seria muito próxima do último ancestral comum dos gorilas, chimpanzés e humanos, indicou um estudo divulgado nesta segunda-feira. O fóssil, de 10 milhões de anos e completo, com 11 dentes, **foi encontrado** em depósitos de terreno vulcânico na região de Nakali, no Quênia, por uma equipe de pesquisadores japoneses e quenianos. Os cientistas afirmam que a descoberta preenche uma espécie de “vácuo” no registro de fósseis, e desafia uma das suposições vigentes sobre a evolução dos primatas. Estudos genéticos sugerem que os humanos e os grandes símios evoluíram separadamente a partir de um ancestral comum, há cerca de 8 milhões de anos, mas os **paleontólogos vêm se esforçando** para encontrar fósseis dos ancestrais dos grandes símios da África moderna dos últimos 13 milhões de anos. (...) Além dessa nova espécie do Quênia de símio antigo, chamado de **Nakalipithecus nakayamai**, recentemente foram encontradas evidências de outro antigo símio africano. (grifos meus)³²

Este relato parece inquestionável em sua clareza e precisão. Uma nomeação é feita para identificar o objeto descoberto, *Nakalipithecus nakayamai*. Não há dúvidas. O paleontólogo Nakayama encontrou-descobriu o fóssil em terras vulcânicas de Nakali. Porém, com Derrida há detalhes outros nessa descoberta. O paleontólogo já foi a Nakali preparado para descobrir algo. Ele observava o solo e percebeu que se tratava de uma mandíbula incrustada no material vulcânico. Pergunta derridaiana: como ele identificou o que era a mandíbula em relação ao material vulcânico que a circundava? Perscrustações derridaianas: mas era evidente o contorno dessa mandíbula no solo? Um leigo veria essa mandíbula destacando-se do material vulcânico? Como se deu exatamente o ato de descoberta?

Certamente um leigo não teria essa percepção e essa foi a razão para o doutor Nakayama ir ao Quênia. Olhos treinados em paleontologia. Olhos que sabem ver, perceber e destacar o contorno de

biológico que espiritual. É aquilo a partir do qual um vir-a-ser-imotivado do signo é possível e com ele, todas as oposições ulteriores entre a *physis* e seu outro.” (Derrida, 1999, p. 58) Corrigi o erro de tradução na Gramatologia, usei “traço” em vez de “rastros”, como é usual nas demais publicações de Derrida.

³² Ver o site: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2068979-EI295,00.html> com a notícia: “Novo fóssil de símio desafia teoria da evolução”.

ANÁLISE DO DISCURSO

um fóssil embutido em um material geológico. Olhos que podem detectar as pequenas diferenças entre os dois tipos de matéria.

Mas, diz Derrida: “é preciso pensar o traço antes do ente”. O traço do fóssil somente pôde ser percebido pelo paleontólogo na contraluz das diferenças já instituídas – um traço decorre do solo vulcânico e outro traço diferente é emitido pelo fóssil, para o olhar treinado de Nakayama. O paleontólogo pôde detectar essas diferenças que já estão instituídas em seu campo de saber: a aparência sensorial do que é um fóssil e do que é resíduo vulcânico. Assim, o paleontólogo pôde ver um contorno que identifica a mandíbula onde um leigo veria somente variação de tons cinzentos em uma massa amorfa de solo vulcânico. Esse é o mérito de Nakayama: ele pode detectar o traço. Pode associar àquele traço um significante: mandíbula fóssil. Nessa associação é que Nakayama produz a **referência** do significante e dá um sentido ao que designou como fóssil. “O traço é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral.” (Derrida, 1999, p. 79) Diz, hipoteticamente, Nakayama: “isto é uma mandíbula”. Nesse percurso, o traço se transforma em uma **inscrição** e constitui a escritura das percepções de diferenças que ganham um sentido.

“O traço é a diferença que abre o aparecer e a significação.” (Derrida, 1999, p. 80) Antes do traço ganhar notoriedade no significante designado por Nakayama ele não possui significado algum, ainda não se tornou o **ente** que adentrará na ontologia: uma mandíbula fóssil. Afinal, o traço emerge e afeta o sujeito em sua diferença instituída e recebe sua inscrição enformada por essa diferença, pois é a diferença que “funda a oposição metafísica entre o sensível e o inteligível, em seguida entre significante e significado, expressão e conteúdo etc.”.³³

³³ “Portanto, não se trata aqui de uma diferença constituída, mas, antes de toda determinação de conteúdo, do movimento puro que produz a diferença. O *traço (puro)* é a *diferença*. Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, a condição destas. Embora *não exista*, embora não seja nunca um *ente-presente* fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior, de direito, a tudo que se denomina signo (significado/significante, conteúdo/expressão, etc.), conceito ou operação, motriz ou sensível. Esta diferença, portanto, não é mais sensível que inteligível, e ela permite a articulação dos signos entre si no interior de uma mesma ordem abstrata – de um texto fônico ou gráfico, por exemplo – ou entre duas ordens de expressão. Ela permite a articulação da fala e da escritura – no senti-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O traço ocorre como percepção que se evidencia no contraste entre as diferenças e se institui na escritura que inscreve um sentido. Assim o traço entra no vir-a-ser “inscrição” situado dentro de um determinado conjunto já instituído de saberes – afinal necessita-se de um paleontólogo que defina o que é fóssil, mandíbula etc. A paleontologia é a gramática na qual o traço recebe seu batismo como um significante. A paleontologia é o conjunto já instituído de traços-inscrições, é o estilo de pensamento fleckiano que se apresenta como uma escritura do mundo fundada em traços (Ludwik, 1979). O traço sempre será percebido – insisto, e somente será percebido – na gramática e no léxico já instituídos nos diversos estilos de pensamento. Assim se dará significação ao traço e o traço invade a realidade histórica. O traço – do Real – estará assim inscrito como significante na realidade, historicamente constituída.

Se o traço, arquifenômeno da “memória” que é preciso pensar antes da oposição entre natureza e cultura, animalidade e humanidade etc., pertence ao próprio movimento da significação, esta está *a priori* escrita, que se a inscreva ou não, sob uma forma ou outra, num elemento “sensível” e “espacial” que se denomina exterior.

(...) este traço é a abertura da primeira exterioridade em geral, a enigmática relação ao vivo com seu outro e de um dentro com um fora: o espaçamento. (Derrida, 1999, p. 86/87)

Quando o paleontólogo nomeou aquele traço com a inscrição literal do nome próprio “*Nakalipithecus nakayamai*” ele instituiu um ente, ontologizou o traço e deu-lhe motivo – o traço imotivado entrou no vir-a-ser inscrição, veio a ser um ente-sujeito. O nome próprio é “a denominação única reservada à presença de um ser único”. (Derrida, 1999, p. 134) A nomeação institui um “funcionamento numa classificação e num sistema de diferenças, numa escritura que retém os traços de diferença”. (Derrida, 1999, p. 134/135) Nessa ontologização do traço fez-se um sujeito, um sujeito na história, sujeito à história – e assim o traço ganha historicidade. Uma historicidade explícita no relato da AFP: “Uma antiga mandíbula de uma espécie de símio descoberta em 2005 seria muito próxima do último ancestral comum dos gorilas, chimpanzés e humanos, indicou um estudo di-

do corrente – assim como ela funda a oposição metafísica entre o sensível e o inteligível, em seguida entre significante e significado, expressão e conteúdo etc.” (Derrida, 1999, p. 77)

ANÁLISE DO DISCURSO

vulgado nesta segunda-feira. O fóssil, de 10 milhões de anos e completo, com 11 dentes ...”

Aquilo que o mundo é depende da sua escritura. A ontologia do mundo é a sua escritura. Antes dessa escritura somente há traços, imotivados. O traço ganha motivo no seu vir-a-ser inscrição. O seu motivo de ser: uma mandíbula fóssil. O seu motivo é alcançado na situação de escritura, como texto – em geral: texto mais-que-literaL. O que alimenta aquele mote relativista: “tudo é texto”.

Sim, “tudo é texto”, mas sem a contaminação esquizofrênica, sem alucinar o empírico – como se fosse uma escrita ficcional independente dos objetos designados. A escritura constitui a realidade histórica, mas sempre edificada sobre os traços que emergiram do Real. Afinal, o próprio texto possui um fundamento empírico. O que efetivamente sepultamos nesse embate é a idéia de uma linguagem como estrita produção mental, como mera comunicação de idéias entre sujeitos. Nossa compreensão advoga uma noção derridaiana de escritura que decorre da interação com as coisas do mundo, modelada por inscrições.

O traço – em seu vir-a-ser inscrição – advém na realidade historicamente instituída. E são as inscrições que fundam a história e assim constituem a realidade na qual vivemos. Uma realidade forjada em inscrições, por inscrições. Esse é o **realismo construtivo** que ultrapassa o anacrônico e ingênuo realismo cientificista. Estamos em uma realidade histórica inaugurada não pela escrita literal, fonológica e logocêntrica, mas, sim, pela escritura das inscrições. São inscrições materiais de sentido. Inscrições que dão historicidade ao mundo. Fornecem motivo – histórico – aos traços imotivados.

Que a própria historicidade está ligada à possibilidade da escritura em geral, para além destas formas particulares de escritura em nome das quais por muito tempo se falou em povos sem escritura e sem história. Antes de ser objeto de uma história – de uma ciência histórica – a escritura abre o campo da história – do devir histórico. E aquela (Historie, diríamos em alemão) supõe este (Geschichte).³⁴

³⁴ Os tradutores de Derrida incluíram a seguinte nota explicativa (Derrida, 1999, p. 28): “Nota de Carneiro Leão sobre História-Historiografia (Geschichte-Historie): ‘Em geral a língua alemã tem duas palavras que se usam promiscuamente ‘Geschichte’ e ‘Historie’. ‘Geschichte’ provém do verbo ‘geschehen’ (= acontecer, dar-se, processar-se), e significa o conjunto dos aconteci-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A ciência da escritura deveria, portanto, ir buscar seu objeto na raiz da cientificidade. A história da escritura deveria voltar-se para a origem da historicidade. (Derrida, 1999, p. 34)

Nesse realismo construtivo – que sustenta a realidade histórica – o Real jaz mais além. Imotivado. E nós? bem, nós simplesmente habitamos a **semiosfera**, como diz Iuri Lotman. Estamos capturados pela palavra, integramos o espaço da realidade histórica. Entretanto não nos é permitido desconhecer os traços que explodem no Real, que emergem do Real e invadem nossa realidade como traços imotivados. São eles que constituem a tessitura material do mundo em um fluxo permanente de inscrições. Enfim: “toda experiência é feita somente de traços” (Bennington, 1996, p. 86)

CONCLUSÃO

Não é mais possível pensar-se que as palavras se conectam de maneira direta às coisas, como se decorresse de uma lógica interna estrita às palavras que estabeleceriam seus significados. O trio encaixado significante-significado-referente foi desfeito, está refeito em outras bases. O referente – a coisa do mundo – designado univocamente e de forma absoluta por um significante tornou-se uma ilusão perdida. Há necessidade de um sujeito imerso em um estilo de pensamento para que tal designação de referência se dê. O significante depende dos demais significantes já instituídos.

Além disso, a própria narrativa realista é questionada. Hayden White é um dos autores seminais que causa uma inflexão compreensiva ao abalar a certeza dos discursos estarem se referindo diretamente ao mundo, sem recurso à alguma mediação. “Há aspectos ficcionais nas narrativas”, diz-se em tom de ironia crítica. A história

mentos humanos no curso do tempo. ‘Historie’ de origem grega através do latim, é a ciência da ‘Geschichte’. Em sua filosofia Heidegger distingue rigorosamente as duas palavras e entende. A partir de sua interpretação da História do Ser, ‘Geschichte’ dialeticamente como a iluminação da diferença ontológica. Daí poder falar em ‘Geschichte’ do ente e em ‘Geschichte’ do Ser. Traduzimos ‘Historie’ por historiografia e ‘Geschichte’ do ente por história com minúscula e ‘Geschichte’ do Ser por História com maiúscula.” (retido de Heidegger. Introdução à metafísica. Tradução de Carneiro Leão. Tempo Brasileiro: Rio, 1969, p. 77-78)

ANÁLISE DO DISCURSO

particularmente está hoje ainda mergulhada em uma crise: “qual a diferença entre o texto histórico e o ficcional?”, pergunta-se.

Há, nessa crise, a presença de uma ingênua perspectiva realista que fomentou a oposição entre os termos “ficção” e “realismo histórico”. Para aqueles historiadores contaminados pelo realismo torna-se inaceitável pensar a história fora de seus antigos cânones de certezas. Esses historiadores se encontram em desamparo ante o momento contemporâneo das pesquisas, assombrados por anacrônicas fantasmagorias relativistas. Para eles, certamente há crise. Sim, mas é uma crise desses historiadores e não do pensamento histórico. No cenário do realismo construtivo, a história avança serenamente sobre territórios outrora turbulentos, agora apaziguados, pelo entendimento de Derrida.

BIBLIOGRAFIA

Agência AFP – site que reproduz a notícia, retida em dezembro 2007: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2068979-EI295,00.html>.

BENNINGTON, Geoffrey e DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FLECK, Ludwik. *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera*. Madrid: Cátedra, 1996, 3 v.

LUDWIK, Fleck. *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001.